






FUNDAMENTALISMOS RELIGIOSOS E PEQUENA INFÂNCIA: REFLEXÕES QUE IMPORTAM À EDUCAÇÃO

Religious Fundamentalisms and Early Childhood: Reflections that matter to Education

Roselete Fagundes de **AVIZ**
Departamento Metodologia de Ensino
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil
roseaviz@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3859-7397> 

Gilka **GIRARDELLO**
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil
gilkagirardello@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5316-0038> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

O artigo tem como objetivo trazer algumas reflexões sobre *Fundamentalismos Religiosos e Infância*. A pesquisa que o embasa discutiu formas de violências em contextos de *fundamentalismos religiosos*, em uma perspectiva cultural, histórica e sociológica. Buscaram-se *histórias de vida* de mulheres que sofreram na infância e adolescência algum tipo de violência em tais contextos. A metodologia valeu-se da criação de um *blog* para que as pessoas interessadas escrevessem suas histórias sobre violências sofridas em contextos de fundamentalismos religiosos. A pesquisa mostra como diferentes métodos e artefatos funcionam para a introjeção de uma crença e a prática do *abuso espiritual*, desde a pequena infância. Tal violência, por meio de diferentes tipos de *manipulações*, fortalece um novo conservadorismo, de caráter teocrático, deixando claro que os *fundamentalismos* existem porque diversos grupos políticos usam a religiosidade na tentativa de ganhar poder.

PALAVRAS-CHAVE: Fundamentalismos religiosos. Pequena infância. Violências. Criança. Abuso espiritual.

ABSTRACT

This text reflects upon the relationship between Religious Fundamentalisms and Childhood. The research that served as the basis for the article sought to contribute to the knowledge and diagnosis of forms of violence in contexts of religious fundamentalisms, in a cultural, historical, and sociological perspective. Life stories of women who suffered some kind of violence in childhood and adolescence in the context of such fundamentalisms were sought. The methodology was based on Life Stories, collected through the creation of a weblog open to those interested in writing their stories about any type of violence suffered in contexts of religious fundamentalisms. Among the results obtained, the research shows how different methods and artifacts work, to introject elements of belief, and to practice spiritual abuse, since early childhood. Such violence, which is inflicted through various types of manipulation, reinforces a new theocratic conservatism, making clear that fundamentalisms exist because different political groups use religiosity in attempt to win power.

KEYWORDS: Religious fundamentalisms. Early childhood. Violence. Children. Spiritual abuse.

INTRODUÇÃO

A religião? Um misterioso sentimento, misto de terror e de esperança, a simbolização lúgubre ou alegre de um poder que não temos e almejamos ter; o desconhecido avassalador; o equívoco, o medo a perversidade...
João do Rio¹

Antes de discorrer sobre as indagações, os objetivos e as considerações a que o presente texto se propõe, pedimos licença para transcrever um depoimento dado por Dawn Smith (2018)² sobre sua experiência vivida em um contexto de *fundamentalismo religioso*. Apesar de um tanto longo, consideramos a leitura desse fragmento de história de vida uma peça essencial para melhor se compreender as motivações que nos mobilizaram a investigar o impacto de contextos fundamentalistas, especialmente sobre meninas e mulheres:

No fim dos anos 1960, início dos anos 1970, surgiu um movimento, atuante, principalmente na Califórnia, chamado "Jesus Movement", onde alguns ex-hippies amadureceram um pouco, tiveram filhos e decidiram canalizar toda aquela revolta de contracultura para a religião. Meu pai era um desses ex-hippies e, junto com meu avô, fundou uma pequena seita chamada "Assembly". [...] Eu tinha cinco anos de idade. Estava em pé, numa pequena esquina, usando meu vestido recatado favorito, o cor-de-rosa com listras brancas, com minha bolsa branca favorita, pendurada no meu ombro, porque eu adorava bolsas quase mais do que o próprio Cristo (risos). Meu pai estava pregando, aos berros, às pessoas que passavam por ali, pois ele achava que aquela era uma forma infalível de ganhá-las para Cristo. Eu estava apavorada porque era uma criança calma, tímida e que evitava confrontos a todo custo. Mesmo tendo apenas cinco anos de idade, eu já tinha aprendido que pregar aos berros pode ser interpretado por alguns como confronto (risos). Mas haviam me ensinado que eu poderia ser a única coisa entre uma alma e as fornalhas ardentes do inferno. Então, lá estava eu. Foi, nesse momento, que eu a vi. Era uma mulher de certa idade, com um cabelo grisalho esvoaçante. Ela não tinha esmalte nas unhas, e eu não entendia como alguém fora do grupo de que eu fazia parte pudesse passar um dia sem esmalte, porque eu adorava esmalte quase mais do que o próprio Cristo (risos). Mas, esmalte era totalmente proibido. Ela olhou fixamente para mim, veio andando em minha direção, apoiou um dos joelhos no chão e me disse: "um dia, você vai crescer e vai se dar conta de que pode deixar tudo isso para trás." [...] Eram meus avós, George e Betty, que comandavam. George era fantástico falando em público, era um líder carismático e um mentiroso patológico, abusivo e narcisista. Meu pai era um líder e minha mãe... era a mulher dele. [...] as mulheres podiam ir à praia como qualquer outra pessoa, desde que completamente cobertas, porque nada é mais contrário à vontade de um Deus-Todo-Poderoso do que uma mulher só de maiô (risos). O alvo da "Assembly" eram jovens universitários vulneráveis por estarem sozinhos pela primeira vez e estarem em busca de viver em comunidade, de um lugar onde pudessem se conectar com outras pessoas. Uma vez por ano, meu pai fazia as malas, eu, minha mãe e irmã também, e íamos de carro até outros estados para expandir a "Assembly" pelos EUA. Essas viagens são algumas

¹ RIO, João do. **As religiões no Rio**. 2a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

² Dawn Smith foi criada na Califórnia e hoje trabalha com roteiros e comédia standup, além de produzir a série de comédia "Paid For By". O trecho foi transcrito de uma palestra em um evento TEDx, cujo título era: Why I Left an Evangelical Cult (Por que deixei um culto evangélico), em 2018. Disponível em: <https://somosamadas.wordpress.com/type/video/>.

das minhas melhores lembranças da infância. Nós nos divertíamos e pensávamos estar fazendo “a Obra do Senhor”. Mas, conforme fui crescendo, fui percebendo que “a Obra do Senhor” tinha muitas regras. Para vocês terem uma ideia de como era essa vida, eis algumas coisas que eram proibidas: namoro, televisão, ciência, mulheres ambiciosas. Essas eram coisas muito perigosas. [...] Também eram proibidas: psiquiatria, dança, felicidade, liberdade [...]. Quando eu tinha cinco anos, minha mãe queria converter uma cabeleireira para o nosso grupo, e me mandou cortar o cabelo com ela. [...] Eu fiquei supercontente com o corte. Meus pais ficaram super chocados. Cabelo curto era a vontade de Deus somente para homens! Aos cinco anos, eu já tinha decepcionado o Todo-Poderoso em seu plano um tanto peculiar e meio que frágil para o meu cabelo (risos) [...]. Na “Assembly”, as mulheres não eram incentivadas a trabalhar, mas, se tivessem que trabalhar, não poderiam ser comandadas por homens [...]. Era um lugar maravilhoso para uma jovem mulher. Não tínhamos o fardo de formar nossas próprias opiniões. Esse “trabalho pesado” ficava a cargo dos homens. Era um privilégio alguém dizer o que devíamos pensar [...]. Aos 15 anos, quando tive a ousadia de usar batom numa reunião da igreja, meu pastor foi sábio o bastante para me dizer que eu o havia distraído durante as duas horas de reunião, por causa dos meus lábios estarem no meu rosto (risos). [...] o “blush” labial leve [...] tinha impedido aquele pobre servo de Deus de ouvir a sua voz. Eu é que tinha errado, e precisei me desculpar. O alvo da “Assembly” era a universidade. Então, pude frequentar uma. Essa foi a grande virada na minha vida. [...] As seitas [...] não permitem que seus membros invistam em uma vida fora do grupo. Mas, a faculdade se tornou um refúgio para mim. [...] Aquele mundo que haviam me dito ser tenebroso era na verdade maravilhoso. Vejam só: mulheres na arte, mulheres na ciência. Havia um lugar ali para mim se eu quisesse. [...] Mulheres, crianças e pessoas de cor eram tidas como de segunda classe na “Assembly”, para dizer o mínimo. Havia violência emocional e psicológica, mas também violência física. Quando eu era mais nova, vi meu tio abusar das minhas primas e contei ao meu pai o que eu havia visto. Ele me disse que ia cuidar daquilo. E a “Assembly” cuidou daquilo acobertando [...]. Havia chegado a minha hora de partir. Eu não podia ficar em um grupo que sacrificava mulheres e crianças para que alguns homens permanecessem no comando. A lealdade incondicional a qualquer grupo é um erro, se isso significar ser leal a um mentiroso patológico, narcisista e abusivo. (Aplausos). Porque esse abuso e essa patologia não se mantêm só no líder. Eles contaminam o grupo todo, e pessoas boas acabam fazendo coisas realmente terríveis. Eu e minha irmã saímos da “Assembly” juntas. Confrontamos nossos avós com o que havíamos descoberto, e George nos expulsou de casa. Nunca mais vi meus avós, desde que saí da “Assembly”, e minha relação com meus pais é complicada. É bem difícil abandonar alguns comportamentos, depois de sair de um lugar assim. [...] Mas posso dizer que mesmo o pior dos dias em liberdade era melhor do que o melhor dos dias em uma seita [...]. Alguns anos depois de sair da “Assembly”, [...] eu estava andando numa rua em Los Angeles, quando a vi: uma menininha num vestido recatado. Ela estava em pé na esquina, ao lado de um homem. E ele pregava aos berros às pessoas que passavam por ali. Eu me aproximei, me ajoelhei na frente dela, olhei nos olhos dela e disse: “um dia, você vai crescer e vai se dar conta de que pode deixar tudo isso para trás.” (Aplausos). (SMITH, 2018).³

A história de Dawn Smith é semelhante à de muitas meninas, hoje mulheres, espalhadas por todo Brasil. Essa experiência pode ser colocada ao lado de histórias de opressão e violência, como as de Adália⁴, Tulipa, Magnólia, Margarida, Rosa Flor, enfim, todas as mulheres que, generosamente, partilharam pedacinhos de vida com a pesquisa que embasa este texto. Nesses fragmentos de Smith (2018), podemos perceber semelhanças entre diferentes países, culturas, realidades: crianças que vivem dentro

³ As traduções dos textos em inglês que constam nas referências são das autoras.

⁴ Foi solicitado às participantes da pesquisa que escolhessem um nome de flor para sua “identificação”.

de um contexto *fundamentalista extremista*, a relação com um líder carismático, mentiroso patológico, abusivo e narcisista e sua posição definida para sacrificar mulheres e crianças. Apesar de a temática da *violência contra criança em contextos fundamentalistas extremistas* vir sendo colocada em debate há algum tempo em outros países, parece ser invisível aos pesquisadores brasileiros, e a comunidade acadêmica parece não considerar importante discutir uma questão ainda quase tabu.

Em razão de o depoimento de Dawn Smith (2018), de certo modo, trazer um pedacinho de cada história compartilhada no período da pesquisa, sua inclusão neste texto traz um enorme significado, já que, a escuta da narrativa de Dawn Smith se articula à que empreendemos às narrativas das biografadas. Suas declarações expõem o quanto a patologia de um líder religioso não se mantém nele, mas afeta todo um grupo. Isso explica porque pessoas boas acabam fazendo coisas terríveis, como conta Flor de Arruda (47 anos):

Mal entrei no quarto e meu pai já estava lá. Sentado à mesa esperando que eu me sentasse para me comunicar sobre mais uma surra explicada como um sermão. Lembro-me de sua expressão: altiva, calma, com certo tom de frieza nos olhos. Meu pai. Ele havia criado uma forma cruel de “educar” uma menina e parecia desfrutar dela. A presença dele no “quarto da surra” não deixava dúvidas de que se tratava de uma forma planejada de agressão. Em pouco tempo, encontrava-me nua, da cintura para baixo, tremendo toda, embora ele mantivesse tão firmes as mãos. De um lado as varas (porque não bastava uma em cada sessão de tortura), do outro a bíblia aberta no livro de Provérbios: “Não retires a vara do teu filho...”.

Tal depoimento demonstra como as palavras de Dawn Smith falam, exatamente, de situações que meninas brasileiras, hoje mulheres, viveram. As tantas proibições impostas a elas, uma vez infringidas, geraram castigos, cujas cicatrizes estão impregnadas em suas almas. Dawn Smith nasceu e vive nos Estados Unidos (EUA), no entanto, fala de algo que não recebeu importância até há bem pouco tempo na educação brasileira: a importação de práticas religiosas para o Brasil. Tais práticas demonstram, como afirma Fatou Sow (2018), “por que e como a religião e a cultura podem ser fontes e lugares de expressão para fundamentalismos, particularmente em relação à política” (SOW, 2018, p. 01).

Nesse sentido, o que nos conta Dawn Smith provoca, e pode ser analisado sob diversos ângulos. O estilo cômico da autora é, particularmente, uma grande chave para tratar de algo tão duro como a *opressão fundamentalista* a crianças, especialmente meninas. A sátira de Smith contextualiza a vida das participantes da pesquisa, mulheres que nasceram entre as décadas de 1970 e 1980 em cidades brasileiras do Sul, Leste e Centro-Oeste, que, possivelmente, gostariam de abraçar Smith como uma delas.

Colocar a história de Dawn Smith em diálogo com as histórias dessa pesquisa pode nos levar a pensar em Margareth Atwood e em seu aclamado *Conto da Aia* (1985/2017), que pode ser lido como uma crítica a qualquer *religiosidade fundamentalista* que oprima as mulheres, mostrando que *fundamentalismos e política* estão entrelaçados sempre. Atwood demonstra esse aspecto quando, segundo Molly Hines (2008), “compõe uma sátira profundamente crítica e direta aos grupos *cristãos fundamentalistas* da Nova Direita dos anos 1980, que pediam o retorno das mulheres ao lar como uma reação ao movimento feminista” (HINES, 2008, p. 02).

Assim como Margareth Atwood, Dawn Smith satiriza o *fundamentalismo cristão* nos Estados Unidos, ao desvelar a perversidade de um mundo que retém e abusa da legalidade, por meio de crenças religiosas. Nesse sentido, nossa escolha em dialogar com autoras norte-americanas não é aleatória. Europa e Estados Unidos foram os principais responsáveis pelo envio de missionários fundadores de seitas como as criticadas por Smith em sua história de vida e por Atwood em seu texto ficcional, bem como das denominações religiosas nas quais as participantes da pesquisa viveram toda sua infância, e/ou início da juventude. Mas, não é só isso, diferentemente de outras religiões, tais missionários chegaram com um plano estratégico que visava, especialmente, as crianças, com métodos e materiais exclusivos à sua doutrinação desde a pequena infância. É este o recorte da pesquisa que escolhemos para este texto.

Métodos e materiais de doutrinação na infância funcionam como instrumentos de *manipulações* que geram violências. A partir dessa constatação, a pesquisa afirma que, nos *contextos fundamentalistas cristãos extremistas*, as crianças sofrem desde a pequena infância violências físicas e psicológicas. No caso particular deste artigo, tentará se desvelar alguns mecanismos que são postos em prática ao levar muitas crianças a experimentarem diferentes tipos de *abusos*, todos desencadeados pelo que Marlene Winell (2007) denomina como *abuso espiritual*, o qual engloba todos os tipos de abusos, inclusive e, especialmente, o sexual.

Ao declarar o objetivo deste artigo, é justo que também marquemos seu limite, uma vez que, quando um problema é explicado, parece haver a necessidade de fornecer uma receita para resolvê-lo. Nosso estudo está longe disso. No entanto, pode mostrar o quanto essa temática necessita ser colocada em debate na academia e no contexto educacional.

O artigo será dividido em três momentos. O primeiro, traz algumas concepções sobre *Fundamentalismos Religiosos* sob a perspectiva de autores que embasaram a pesquisa. Tais concepções mostram-se essenciais para compreendermos as estratégias

utilizadas pelos grupos *fundamentalistas contemporâneos* visando a oprimir, especialmente, mulheres e crianças. Ao colocarmos as lentes na história do movimento *Fundamentalista Cristão extremista* no Brasil, constatamos que o *Pentecostalismo* e o *Neopentecostalismo* são grandes influenciadores nas decisões do voto em épocas de eleições. Esse movimento constituiu vários pastores integrantes da bancada do Congresso Nacional Brasileiro, bem como alguns “empresários da fé” e das mídias, os quais sonham construir no Brasil um regime teocrático como Gilead⁵. Compreender essas concepções, métodos e táticas pode nos fazer entender como opera a dinâmica das relações entre cultura, religião e política, de acordo com os períodos e os contextos em que se cruzam.

O segundo momento tratará, especificamente, sobre *Fundamentalismo Cristão e doutrinação na pequena infância: o perigo do abuso espiritual*. Nesse tópico, constataremos que, embora, aparentemente, algumas religiões estejam preocupadas somente em arrebatando pessoas para a sua comunidade, como conta Dawn Smith em seu depoimento, é preciso chegar mais perto para perceber que “os *fundamentalismos* existem porque diversos grupos políticos usam a religiosidade na tentativa de ganhar poder” (HINES, 2008, p. 13).

Os *abusos* contra crianças nesses tipos de movimentos extremistas, conforme já ilustrou Dawn Smith, praticam-se por meio do *abuso espiritual* o qual, segundo Winell (2007), faz-se por diferentes tipos de *manipulação*. Dentre essas, a mais nociva e explorada na criança, desde a pequena infância, é, segundo a autora, a *manipulação pelo medo*. As crianças presas a esses tipos de instituições aliadas à família acessam, desde o engatinhar, métodos e materiais criados, especificamente, para instaurar o medo. Escolhemos para compor este texto dois artefatos culturais que têm essa função: um livro e um filme. O primeiro é *O livro sem palavras*, material pensado para a doutrinação de crianças pequenas, no sentido de convertê-las a uma crença. Winell examina o uso que se fez de objetos como esse como estratégia de disseminação de aspectos do *fundamentalismo cristão extremista* que são, mental e emocionalmente, *manipulativos*. O filme é o documentário *Jesus Camp* (2006)⁶, que não somente mostra um dos mais eficazes métodos de doutrinação de crianças dentro de movimentos como o *pentecostalismo*, mas também como acontece o *abuso espiritual* na multiplicidade de

⁵ Referente ao romance *O Conto da Aia* (1985/2017), de Margaret Atwood: “A República de Gilead é construída sobre a base das raízes puritanas do século XVII que sempre estiveram por baixo da América moderna que pensávamos conhecer”.

⁶ JESUS Camp. Direção de Heidi Ewing, Rachel Grady. Estados Unidos: Magolia Pictures e A&E Indie Films, 2006. 1 DVD (87 min).

elementos que se conectam de muitas maneiras, dentre eles, o desejo e a incansável vontade política de um “movimento religioso”. Nesse sentido, histórias como a que nos conta Dawn Smith, bem como as das participantes da pesquisa geradora deste artigo, convidam-nos a prestar mais atenção aos horrores da opressão que essas mulheres enfrentam ainda hoje, por terem vivido tais experiências desde a pequena infância, como também a olhar melhor para as crianças que estão sob nossos cuidados nos espaços educativos brasileiros.

O terceiro tópico, *Fundamentalismos Religiosos: as (Im)possibilidades de pensar nos Direitos da Criança*, parte da seguinte reflexão: É possível falar em Direitos da criança tratando-se de *Fundamentalismos Religiosos*? Este tema necessita ser (re)colocado em discussão, uma vez que, há algum tempo, pesquisadores como Catarina Tomás (2006) alertaram que, dentre os diversos problemas para a real efetivação da *Convenção dos Direitos da Criança* estão também os relacionados aos *fundamentalismos religiosos*.

Tanto o depoimento de Smith como as histórias das participantes da pesquisa base deste artigo mostram como o *Fundamentalismo Cristão extremista* tenta esconder a violência e a opressão contra crianças, iludindo-as com a ideia de estarem protegidas na “casa de Deus”. Nesse aspecto, o *assédio espiritual* constitui-se como o principal método, uma vez que “amarra”, cuidadosamente, a instituição religiosa à família. Assim, os valores patriarcais ensinados às meninas desde a tenra idade pelas mulheres criam um laço praticamente inevitável entre essas duas instituições. Nos grupos *fundamentalistas cristãos extremistas*, as crianças ainda sofrem violências que podem ser demonstradas como violações dos direitos humanos: restrições diversas, inclusive à educação, códigos de vestuário a serem obedecidos, proibições de lazer, etc.

Sobre esse aspecto, Molly Hines (2008) alerta-nos no sentido de tentarmos perceber o que está perto de nós, uma vez que estamos acostumados a olhar e a espantarmo-nos somente com regimes teocráticos como os do Oriente Médio, controlados por radicais islâmicos. Em relação à violência contra crianças, a pesquisa ainda provoca-nos para darmos atenção à prática de maus-tratos, especialmente a violência física (surras), a negligência de assistência médica, bem como a violência psicológica. As crianças contemporâneas ainda sofrem a vergonha dos espancamentos sancionados pela família ou a falta de atendimento médico, por proibições criadas por instituições *fundamentalistas religiosas extremistas*.

Essas violências, como mostra a pesquisa, têm efeitos nefastos na vida das crianças, inclusive na sua escolarização, uma vez que, por meio delas, muitas crianças

experimentam situações de fracasso escolar. Apenas esta constatação já provoca-nos para a importância de colocar este tema em debate.

DE QUAL FUNDAMENTALISMO ESTAMOS FALANDO?

A pergunta não é casual, talvez não seja tão fácil entendê-la se não pensarmos na tríade indispensável à temática dos *fundamentalismos religiosos*, investigada por Karen Armstrong. Esta pesquisadora analisa os movimentos *fundamentalistas* desenvolvidos em três religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo. Em seu clássico livro: *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo no cristianismo e no islamismo* (ARMSTRONG, 2009, p. 11), ela conceitua os fundamentalismos religiosos do seguinte modo:

São formas de espiritualidade combativas, que surgiram como reação a alguma crise. Enfrentam inimigos cujas políticas e crenças secularistas parecem contrárias à religião. Os fundamentalistas não veem essa luta como uma batalha política convencional, e sim como uma guerra cósmica entre as forças do bem e do mal. Temem a aniquilação e procuram fortificar sua identidade sitiada através do resgate de certas doutrinas e práticas do passado. Para evitar contaminação, geralmente, se afastam da sociedade e criam uma contracultura; não são, porém, sonhadores utopistas. Absorveram o racionalismo pragmático da modernidade e, sob a orientação de seus líderes carismáticos, refinam o "fundamental" a fim de elaborar uma ideologia que fornece aos fiéis um plano de ação. Acabam lutando e tentando ressacralizar um mundo cada vez mais céptico.

Para analisar as implicações desses movimentos contra a cultura científica e secular, que nasceram no Ocidente e depois se arraigaram no resto do mundo, a pesquisa procurou mostrar como eles estão entre os mais destacados e influentes. Por surgirem de medos, ansiedades e desejos comuns, geram violências e opressões incomensuráveis, especialmente sobre mulheres e crianças.

Muitos autores já se debruçaram sobre a temática, reconhecendo que religião e sociedade estão entrelaçadas. Molly Hines (2008, p. 13), por exemplo, chama a atenção para o fato de que, ao elaborar sua crítica aos *Fundamentalismos Religiosos*, estudiosos, como ela mesma, não estão trabalhando em uma linha de rejeições de religião, mas à redução da religião nomeada por Frisch e Martos como "*religiosidade*".

Tal aspecto fez-se necessário evidenciar neste artigo, uma vez que, como explica Hines (2008, p.12): "Quando a religião é banalizada e incorporada à religiosidade sancionada pelo Estado, as ideias sobre a natureza fundamental do cosmos tornam-se simplificações ingênuas da realidade, os deuses tornam-se ídolos e os ensinamentos tornam-se dogmas". É principalmente esse aspecto que caracteriza um sentimento tão paradoxal sobre religião como o expresso na epígrafe que abre este texto.

No sentido desta produção, tal consideração é bastante significativa, uma vez que os diferentes métodos para oprimir mulheres e crianças utilizados por alguns *fundamentalismos religiosos*, dentre eles o *Fundamentalismo Cristão*

Usa[m] a necessidade humana de religião para reprimir as mulheres, reduzindo o cristianismo à religiosidade. Porque a religião é um aspecto importante da humanidade, uma farsa religiosa que oprime as mulheres ataca a natureza humana e abusa dos direitos humanos (HINES 2008, p.12).

Essas reflexões foram muito significativas e trouxeram diferentes constatações no percurso da investigação no âmbito de histórias de vida. Pela metodologia das histórias de vida em uma perspectiva feminista (MAGALHÃES, 2012), procura-se mobilizar o horizonte das biografadas para o campo do conhecimento histórico e científico por meio das suas experiências de vida, das suas subjetividades sobre a forma como posicionam-se diante das diferentes formas de opressão contra mulheres e crianças nos contextos dos *fundamentalismos religiosos*, bem como (re)constroem suas vidas, a partir dos traumas deixados por essas experiências.

FUNDAMENTALISMO CRISTÃO E DOCTRINAÇÃO NA PEQUENA INFÂNCIA: O PERIGO DO ABUSO ESPIRITUAL

“Quando impera o medo, obedecer é a única opção de sobrevivência”.
Toni Morrison

Na origem deste artigo, encontra-se, como já referimos anteriormente, uma pesquisa com mulheres que compartilharam suas histórias sobre sua experiência de violência em contextos de *Fundamentalismos Religiosos* quando crianças.

A pesquisa procurou “iluminar” a relação entre a violência em contextos de *fundamentalismos religiosos*, especialmente o contexto do *Fundamentalismo Cristão extremista*, contra crianças, em particular, contra meninas, e o papel da Educação. É importante destacar que a instituição escolar ou de educação infantil, em virtude de uma ênfase na *tolerância*, tem negligenciado as manifestações de violências que advêm desses contextos. E, ao desconhecer o *abuso espiritual*, não sabe como proceder quando seus sintomas nefastos se manifestam.

As histórias compartilhadas na pesquisa, assim como a de Dawn Smith, cujas palavras dão o tom introdutório a este artigo, emocionam porque nos tocam naquilo que mais nos une: nossa humanidade. Inscrito no quadro da metodologia qualitativa, o

método biográfico utilizado centrou-se na recolha e análise de histórias de vida⁷. Segundo Maria José Magalhães (2012, p. 12), os métodos biográficos contribuem com “um modo feminista de fazer ciência”, tendo dois grandes objetivos: “criticar, denunciar e produzir alternativas aos pressupostos androcêntricos; e mudar as formas de interpretar, apreciar e compreender as vidas das mulheres, através da experiência histórica”. Para autora, “nomear vidas silenciadas” é “dar voz aos/às que foram deixados/as de fora da história”.

Essa autora inscreve o percurso da pesquisa em história de vida na procura do sujeito político *mulher* e da agência feminista no campo da Educação. Nesse sentido, ela defende que as histórias sejam contadas “pela própria voz”, ou seja, sem questões dirigidas, especificamente, à temática. Nessa perspectiva, optamos por não ter um roteiro com perguntas, na medida em que procurávamos as singularidades das experiências e das subjetividades de cada narradora, colocando em primeiro plano sua vida, a partir da seguinte colocação: “*Imagine que você pudesse realizar um filme da sua vida. Que momento, espaços e personagens você escolheria e por quê? Ou ainda: Se você escrevesse um livro sobre sua vida, com qual momento da sua vida começaria, que espaços e personagens você escolheria e por quê?*”.

Existem várias técnicas que podem ser utilizadas na investigação em *Histórias de Vida*. Na pesquisa que embasa este artigo, criamos um *blog* para que as pessoas interessadas escrevessem suas histórias. Treze mulheres contaram sobre suas vidas. Dessas treze, dez nasceram em contextos de *fundamentalismo religioso*, duas entraram em um desses contextos no final da infância, e uma, na adolescência. Quase a totalidade delas veio de contextos cristãos extremistas: sete vieram de igrejas pentecostais clássicas, duas de igrejas neopentecostais, uma da igreja católica, uma fazia parte do grupo das Testemunhas de Jeová e uma era de origem islâmica. Nove, das treze biografadas, haviam rompido com a religião, e quatro, embora tenham desistido da denominação religiosa na qual viveram na infância, ainda têm vínculo com alguma dissidente dela.

Uma questão crucial que a pesquisa afirma é que as violências concebidas e/ou praticadas no tecido social podem interferir nas relações educativas. As que são, muitas vezes, oriundas de contextos *fundamentalistas religiosos* podem ser caracterizadas por castigos físicos, maus-tratos emocionais, abuso sexual, dentre outros. Essas violências

⁷ Parte deste parágrafo e a próxima página são uma versão reduzida da Comunicação Oral: **Escrevivências**: o *blog* e o *microblog* como espaço de pesquisa em História de Vida, apresentada pelas autoras na 39ª Reunião Nacional da ANPED, conforme consta nas referências.

dão origem a silenciamentos, que são, por sua vez, produtores de fracassos na aprendizagem, evasão e repetência, isolamento ou distúrbios de atenção. Tais processos, que nem sempre deixam marcas visíveis, são negligenciados pela escola, conforme Carlos Bernardo Skliar (2001, p. 134), em nome do “discurso da tolerância”. No entanto, podem gerar conflitos nas histórias de vida das crianças e adulterar sua infância, a partir de suas linguagens corporais, afetivas e cognitivas.

A pesquisa deu ainda mais consistência a essas ideias quando coloca os contextos *fundamentalistas religiosos* como (re)produtores do medo. No caso específico da violência contra crianças, sejam maus-tratos, violências sexuais ou outras, o medo pode servir como uma “gramática” que ensina as crianças e adolescentes a continuarem com o pacto do silêncio, para não expor, não “agredir” quem as violenta.

Sobre o aspecto do medo, o trabalho da norte-americana Marlene Winell (2007) trouxe grande contribuição à pesquisa. Essa autora ampliou o debate sobre a temática ao comparar o *abuso espiritual* à violência doméstica, ambos praticados por meio de *manipulações*. A autora coloca o *abuso espiritual* como uma categoria maior na discussão sobre a violência contra meninas e mulheres, uma vez que esse abuso funciona como um termo “guarda-chuva” que agrega todas as outras formas de *abusos*, inclusive o sexual. Segundo a autora, a compreensão do *abuso espiritual* dá-se apenas no campo da compreensão dos aspectos do *fundamentalismo*, que são mentalmente e emocionalmente manipulativos. Nessa perspectiva, o medo aparece como um dos mais potentes modos de *manipulação*. Sobre esse aspecto, ao contar sobre sua infância, Girassol (37 anos) assim expressa:

Nós tínhamos em nossa casa um quadro da Arca de Noé e outro quadro dos Dois Caminhos.⁸ Apesar de eu sempre lembrar da história do Dilúvio quando olhava para a Arca de Noé, ele não me causava pavor, talvez porque a imagem era de um grande barco, no qual subiam por uma escada, um casal de cada espécie de animais. Mas o quadro que mostrava os Dois Caminhos, um levava ao céu e o outro ao inferno. E a imagem do céu era a que mais me torturava no dia a dia. Eu não podia ver o reflexo do Sol atrás das nuvens. Cada vez que eu estava andando na rua e via o desenho dos reflexos do Sol atrás das nuvens, eu corria pra casa em pânico, entrava no quarto e começava a orar para pedir perdão por todos os pecados que eu achava que tinha cometido. Eu morria de medo porque pensava que aquela imagem era o sinal da volta de Jesus.

Todas essas considerações fazem-se necessárias para pensar naquilo que Molly Hines (2008) discute ao perceber que, embora alguns estudiosos vejam o *fundamentalismo religioso* como sinônimo de interpretações tradicionais da religião, outros o veem como *abuso de religião*. Esta visão está se tornando predominante. E,

⁸ Sobre esse quadro consultar: Lyndon de Araújo Santos: **As Outras Faces do Sagrado**: Protestantismo e Cultura na Primeira República Brasileira (2004).

tanto Hines (2008) quanto Winell (2007) a consideram como a mais apropriada para pensar a temática dos *fundamentalismos* na contemporaneidade. Além de colocarem o *fundamentalismo cristão extremista* na perspectiva de *abuso*, as duas autoras enfatizam a necessidade de se falar de *fundamentalismos*, no plural, para evitar a tendência de associar a palavra “fundamentalismo” apenas a movimentos islâmicos radicais.

Assim, a pesquisa analisou diferentes métodos violentos que, ambas as autoras advertem, foram utilizados para oprimir mulheres e crianças, e a partir dos quais alguns grupos fundamentalistas continuam a justificar suas práticas opressoras ainda hoje. Nesse aspecto, Hines (2008, p.06) alerta que “ampliar a concentração dos críticos no puritanismo americano e no movimento da Nova Direita da década de 1980” faz-se necessário.

Winell (2007) argumenta que as consequências da doutrinação religiosa são infinitamente mais danosas quando a criança nasce em contexto de *fundamentalismo religioso extremista*. A autora assinala, com clareza, que as *manipulações* funcionam como “mecanismos de controle da mente” (WINELL, 2007, p.63). E é nesse campo que a pesquisa chama a atenção para o perigo da doutrinação na pequena infância (zero a seis anos de idade). Para ela, os pais juntam-se às igrejas para induzirem as crianças (desde o engatinhar) aos sistemas de crenças. As estratégias utilizadas para doutrinar essas crianças indicam a profundidade do medo e da ansiedade que elas desenvolverão e o quanto esses dois aspectos estão interligados.

Nesse sentido, uma questão determinante nos argumentos de Winell (2007), e que merece nossa atenção, é o ataque à imaginação das crianças, já que a técnica mais poderosa do *fundamentalismo cristão extremista* é a tática do terror, e sabemos o quanto o medo pode paralisar as forças imaginantes. O *fundamentalismo cristão* ensina a existência do inferno: um lugar de tormentos eternos.

Em relação a essa questão, Winell (2007) vai mais longe. A autora argumenta que, nos sistemas *fundamentalistas cristãos extremistas*, os *pregadores de fogo* abusam ao usar como estratégia colocar o medo do inferno nas crianças. Dawn Smith (2018), ao contar sua história, dá-nos um exemplo de um *pregador de fogo*: seu pai, aquele que pregava aos berros porque achava aquela uma forma infalível de capturar pessoas para o seu “rebanho”. Ela conta como uma criança sente-se ao ouvir um adulto como o pai naquele delírio: “Eu estava apavorada porque era uma criança calma, tímida e que evitava confrontos a todo custo. Mesmo tendo apenas cinco anos de idade, eu já tinha aprendido que pregar aos berros pode ser interpretado por alguns como

confronto". Segundo Winell (2007), pregadores que utilizam esse tipo de estratégias são chamados de *pregadores de fogo*, nos contextos *fundamentalistas cristãos extremistas* como o *pentecostalismo*, e utilizam-se desses métodos para apavorar crianças por meio da *manipulação pelo medo*.

A estratégia segundo a qual o medo da condenação eterna é utilizado para enquadrar, em particular, as crianças, favorece a usurpação do que garante a normalidade, especialmente na formação da capacidade de pensar. A esse tipo de operação, a autora denomina *abuso infantil*, o qual, segundo Winell (2007), é equivalente ao que conhecemos como *violência doméstica*. O que permite sua eficácia neste trânsito igreja-família é uma das manipulações, neste caso, o *medo da condenação eterna*, que caracteriza uma das faces do *abuso espiritual*.

Os pregadores frequentemente ameaçam as pessoas sugerindo que elas imaginem uma morte acidental repentina, talvez em um acidente ou no seu caminho de casa quando saírem do culto. O medo é mantido vivo, na medida em que todo mundo constantemente fica especulando se eles estão ou não prontos para encontrar o seu criador, como se o perigo de Satã não fosse suficiente, Deus é uma fonte de medo também, frequentemente retratado, na bíblia, como sendo vingativo e ciumento. (WINELL, 2007, p. 64).

Além desses tipos de pregações, a autora chama a atenção para os materiais produzidos, especificamente às crianças: livros, discos, programas infantis dentre outros, como parte de estratégias para manipulá-las por meio do medo, causando graves danos ao seu desenvolvimento mental. O que Winell procura mostrar é que esses adultos ameaçam as crianças, principalmente, porque as veem como "presas fáceis". Nesse sentido, a autora coloca a *doutrinação religiosa na primeira infância* como "violência contra a criança", especialmente porque, segundo a autora (WINELL, 2010, p. 02): "a doutrinação de uma criança com habilidades cognitivas imaturas no contexto indefeso de uma família é um *abuso de poder*". Além disso, é a principal base para a prática do *abuso espiritual*, uma vez que se constitui como "uma séria lavagem cerebral". A epígrafe que abre esta seção pode provocar a reflexão sobre o principal dispositivo do *abuso espiritual*: o medo. Ela compõe "Compaixão", de Toni Morrison (1998), livro no qual a autora mostra como as relações de empatia transformam-se em relações de violência entre as raças, as quais são promovidas pela religião rígida, sem sequer poupar as crianças.

SOBRE O PODER DOS MÉTODOS

O livro sem palavras

[...] lembro-me de um livro bem pequeninho e quadradinho que a professora da escola bíblica de férias ampliou para contar para nós num formato bem grande. O livro era sem palavras. Ela contava uma história a partir da cor que aparecia em cada página. Depois de contar essa história, nós memorizávamos um texto bíblico que falava que ficaríamos brancos como a neve e cantávamos uma cançãozinha que dizia assim:

*O sabão lava o meu rostinho
Lava meu pezinho
Lava minhas mãos
Mas Jesus pra me deixar limpinho
Quer lavar meu coração
Quando o mal
Faz uma manchinha
Eu sei muito bem quem pode me limpar
É Jesus, eu não escondo nada
Tudo ele pode apagar.*

Magnólia, 39 anos

O *Fundamentalismo Religioso Cristão* inventou e serviu-se de uma lógica binária para a doutrinação, a partir da qual denominou, de diferentes modos, os componentes negativos da relação social: mau, pecador, perdido, mundano, profano, sujo, odioso, desalmado, detestado etc. Essas oposições binárias projetam e enfatizam dualismos e sugerem sempre o direito, a regalia de um indivíduo ou grupo em detrimento de outro.

Uma questão significativa da doutrinação de *crianças pequenas*, segundo Winell (2007), é a fixação de representações impostas que supõem essa dualidade, rigidez e imutabilidade. Dessa forma, a autora chama a atenção para métodos e materiais que são utilizados na doutrinação das crianças desde a pequena infância no sentido de enfatizar o dualismo *salvação e perdição* e introjetar nas mentes infantis não apenas a doutrinação religiosa, mas o *horror ao outro*. Sobre tais estratégias, especificamente dentro do *protestantismo/pentecostalismo*, a autora explica que alguns materiais circulam pelo mundo, há séculos, especificamente a serviço dessa doutrinação, e traz como exemplo o *Livro sem palavras* [18--]⁹, citado por *Magnólia*, no fragmento que abre este tópico.

O *Livro sem Palavras*, pequeno e quadrado, foi produzido, em sua primeira versão, em apenas três páginas: a primeira página na cor preta, a segunda, na cor vermelha e a terceira página toda branca. Foi apresentado pela primeira vez como proposta de sermão, na noite de 11 de janeiro de 1866 – no Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres –, por Charles Haddon Spurgeon. O sermão intitulado *O Livro sem Palavras* baseava-se no texto bíblico: “Lava-me, e ficarei mais branco que a neve” (Salmo 51:07). Foi publicado em 30 de novembro de 1911.

⁹ Domínio público. Data de publicação e autor desconhecidos.

Em 1880, o livro já era usado amplamente, em específico para crianças nas Escolas Dominicais, Orfanatos e em Missões Transculturais. E, em 1875, o pequeno artefato apareceu em quatro cores. Aliada às cores preta, vermelha e branca, foi acrescentada a cor ouro, representando o céu. O pequeno livro quadrado, hoje, é utilizado mundialmente em diferentes formatos, em particular na evangelização de crianças (SPURGEON, 1911).

Podemos dizer que esse livro quadrado tem como finalidade formar uma "mente quadrada". Ao argumentar que "uma criança em um ambiente *fundamentalista cristão* extremista enfrenta uma gama poderosa de fatores que influencia a doutrinação", Winell (2010, p. 03) alerta-nos para o principal objetivo do incentivo à leitura de um livro como *O Livro sem Palavras* às crianças: transmitir a fé cristã por meio do medo e não desenvolver um pensamento crítico para tomar uma decisão totalmente informada sobre religião.

Ao posicionar-se contrária à utilização de tal artefato, que segundo Winell (2007), nos EUA, tem ultrapassado os espaços privados da religião e invadido os espaços públicos, a autora critica o fato de os pais, juntamente às igrejas, induzirem crianças ao sistema de crenças por meio de livros como *O Livro Sem Palavras*, canções, programas infantis, áudios e/ou vídeos com *pregações de fogo* dentre outros materiais e métodos que reforçam a perspectiva dualista salvação/perdição, céu/inferno, Deus/Diabo, com o objetivo de doutriná-las por meio do medo antes mesmo de engatinharem. Tais artefatos, facilmente distribuídos, explica a autora, apenas indicam a profundidade do medo e da ansiedade internalizados que ignorariam uma contradição tão flagrante.

A metalinguagem que poderia conceber o pensamento crítico de um livro que se apresenta somente em cores, uma vez que é o leitor que dá sentido ao texto, é contraditória porque, mesmo "sem palavras", o livro, desde que apresentado às crianças, já supõe um mediador adulto que vai apontando o significado predeterminado, por uma organicidade narrativa preestabelecida.

Sobre esse aspecto, podemos atentar ao alerta de Winell (2010, p. 02), em especial às limitações que esses tipos de materiais doutrinadores causam às crianças. Ao argumentar que "doutrinação religiosa na infância é lavagem cerebral séria", explica os danos que a doutrinação, ao contrário da leitura com possibilidades de abertura, pode causar a uma criança com habilidades cognitivas em formação.

As mensagens são recebidas e incorporadas no cérebro, enquanto certas áreas do desenvolvimento do cérebro são reprimidas por falta de estímulo, sendo que a

principal destas é o pensamento crítico. Isso, combinado com a aceitação do ensinamento de que alguém é incapaz de confiar nos próprios pensamentos, e ainda do medo abjeto de consequências terríveis, completa a armadilha. (WINELL, 2010, p. 02).

Nesse sentido, a escuta das vozes de mulheres que viveram tais experiências na infância deu a conhecer, além de materiais, métodos inimagináveis à doutrinação de crianças.

A criança-soldado

[...] Nessa igreja, eu conheci uma menina negra. Ela era só um ano mais nova do que eu. Depois que eu conheci ela, eu me senti mais feliz e eu achava ela parecida comigo. Foi ela que me apresentou o coral infantil da igreja e comecei a participar. Eu ainda lembro das primeiras músicas que aprendi. Uma delas

dizia assim:

Já posso escutar o **exército** de Deus

Marchando sobre a terra

Em plano de **guerra** vai

Já ouço o louvor, que é **arma** de vitória

Rosa Flor, 39 anos

[...] eu já estava chegando na adolescência, mas nunca falava em línguas, não entrava naquele transe, não demorou muito as pessoas começarem a desconfiar que eu estava em pecado. Afinal, o Espírito Santo não habitava em mim. [...]

Orquídea, 34 anos

Talvez o que de mais surpreendente pode-se constatar na referida pesquisa, em relação à perspectiva do *abuso espiritual*, foi a doutrinação de crianças como *criança-soldado*, a partir do *Ministério Pegadores de Fogo*. A questão começa com a naturalidade com que as participantes cantam canções que aprenderam na infância, cujo vocabulário embasa toda uma preparação bélica. Todas as participantes que vieram do movimento *pentecostal*, especificamente, lembram-se de um trecho de alguma canção que aprenderam na infância sobre a guerra, exército, arma, e uma ordem para ser um soldado para lutar contra o inimigo, enfim, “o outro como fonte de todo mal” (SKLIAR, 2001, p. 137), como se pode observar no depoimento de Rosa Flor, que abre este tópico.

Nesse sentido, a pesquisa levou-nos ao filme documentário: *Jesus Camp – 2006*, de Heidi Ewing e Rachel Grady, cujo foco é um dos métodos da doutrinação de crianças nos contextos *protestantismo/pentecostalismo* nos EUA: *a transformação de crianças em criança-soldado*, criando nelas o *horror ao outro*, ao induzi-las à compreensão de que quem não faz parte daquele grupo não presta. O filme, além de ser um retrato do quanto a *doutrinação religiosa na infância* pode ser repressiva, exploratória e *abusiva*, mostra uma realidade que não está apenas lá nos EUA. Pelo menos 70% das depoentes da pesquisa viveram esta experiência aqui no Brasil, especialmente nas décadas de

1970 e 1980, para não dizer que, procurando bem, essa pode ser a realidade de muitas crianças, em alguns lugares do Brasil ainda hoje.

No documentário, Becky Fischer, pastora e idealizadora do *Ministério de Fogo para crianças*, choca-nos ao dizer para a câmera: “Eu quero ver as crianças radicalmente dedicando suas vidas ao evangelho como as crianças no Paquistão, Israel e Palestina”. Ela também defende que os cristãos precisam se concentrar na formação de crianças, uma vez que “o inimigo”, o Islã radical, foca na formação das crianças.

O documentário é polêmico, impactante, envolvente e exemplar na representação do que Winell (2007) categoriza como *abuso espiritual* sobre crianças até o máximo grau possível. O filme é completo também por levar o público a perceber que, se o *abuso espiritual* se concentra na formação de crianças, essa formação nunca estará desconectada de intenções políticas. Nesse sentido, o *abuso espiritual* (WINELL, 2007) está totalmente interligado ao que Hines (2008) denomina como *abuso de religião*. Essa autora, além de enfatizar a necessidade de falar de *fundamentalismos* no plural, alerta-nos a perceber como esses grupos estão totalmente alinhados com diversos grupos políticos.

Nesse aspecto, as diretoras foram geniais ao iniciarem o filme não com uma ambientação fundamentalista, mas com a cena em que aparece o radialista Mike Papantonio falando sobre a influência que os evangélicos têm tido na política norte-americana. Na cena, o radialista chama a atenção para a percepção da intolerância e do autoritarismo dos grupos *fundamentalistas extremistas*. Dessa forma, prepara o público para o que será mostrado em seguida: a violenta doutrinação de crianças.

O filme *Jesus Camp* discorre sobre as crianças na *Escola do Ministério de Fogo*, a qual é responsável por transformar crianças (meninos) em “pregadores de fogo”, bem como dar às meninas outras funções (inferiores) ligadas à doutrinação. A escola, localizada nos arredores de Devils Lake, Dakota do Norte e administrada por Becky Fischer e seu ministério: “As Crianças no Ministério Internacional”, pode chocar qualquer pessoa desavisada da loucura que é esse tipo de doutrinação. O filme traz para o centro da discussão três crianças que participaram do acampamento no verão de 2005: Levi, Rachel e Tory (Victoria), mesclando cenas do acampamento para crianças e uma conferência de oração, realizada antes do acampamento, na *Igreja Cristo Triunfante*, uma igreja cristã, no subúrbio da cidade de Kansas. Entre milhões de outros meninos e meninas, Rachel (9 anos), Tory (10 anos) e Levi (12 anos) estão convencidos de que são pessoas “escolhidas por Deus” para trazer Jesus de volta,

estabelecendo seu reino na Terra. Nesse sentido, embora crianças, elas já são escandalosamente devotas, integrantes da “milícia dos remidos”¹⁰.

A partir da problematização do perigo da *doutrinação de crianças* nos contextos *fundamentalistas cristãos extremistas*, não negar o poder dos métodos é um dos chamados de Winell (2007). A autora alerta para as religiões rígidas cuja origem a eles remetem. Mais do que olhar para os aspectos históricos dessas religiões, a autora convida-nos a olhar para os métodos de persuasão, reconhecidamente poderosos para o recrutamento e a retenção de seus membros. Ela aponta ainda alguns artefatos culturais, como, livros, discos, hinários, programas (“infantis?”), cujo objetivo maior é manipular, mental e emocionalmente, seus adeptos.

FUNDAMENTALISMOS RELIGIOSOS: AS (IM)POSSIBILIDADES DE PENSAR NOS DIREITOS DA CRIANÇA

[...] Levante-se! – repetiu Papa. Mesmo assim, não me mexi. Ele começou a me chutar. As fivelas de metal de seus chinelos doíam em minha pele como mordidas de mosquitos gigantes. Papa falou sem parar, descontrolado, misturando igbo com inglês. [...] Tentei me levantar, mas a dor percorreu meu corpo em pequenas pontadas. [...] Mama ficou de pé e pousou a mão em minha testa, e depois o rosto no meu. - Graças a Deus. Graças a Deus [...] O rosto dela estava molhado de lágrimas.

Chimamanda Ngozi Adichie¹¹

Será demasiado contundente afirmar, a partir das discussões realizadas até aqui, que o *Fundamentalismo Cristão* simbolizou o modo predominantemente de relação cultural, social e política desde o nascimento da Modernidade?¹² A história traz-nos elementos tangíveis para pensarmos em tais contradições. Um exemplo pode ser percebido no que Eric Hobsbawm (1998) assinala sobre o século XX, como sendo o mais mortífero da história, não apenas por causa das guerras, mas também pelos genocídios sistemáticos, as matanças étnicas, o *apartheid*, as ditaduras militares, a violência física e legalista contra os imigrantes, dentre outros.

Não obstante, o que todos esses estudos nos ajudam a refletir levou a pesquisa a debater sobre a problemática dos maus-tratos infantis em contextos de

¹⁰ Expressão retirada de um dos versos de uma canção lembrada por uma das depoentes da pesquisa.

¹¹ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco Roxo**; tradução de Julia Romeu. São Paulo: Cia das Letras, 2011, p.222-223.

¹² A *modernidade* é vista aqui como representação abstrata de um período que inaugura uma nova relação entre regulação e emancipação que pretensamente se inaugura com o advento das “grandes navegações” no Século XVI da era cristã e ainda é hoje vigente, apesar de viver passando por um sem-número de crises de cunho político, econômico, social, epistêmico e cultural. Não obstante estas crises, consolidou-se uma centralidade determinante nas relações entre emancipação e regulação que se estabeleceu a partir das relações econômicas que hoje, denominamos, sinteticamente de *mercado* (SANTOS, 1997).

Fundamentalismo Cristão como Winell (2007) evidencia, não são somente na parte física que se realizam tais violências e sua consequência. Elas foram pensadas para um objetivo maior: a doutrinação como estratégia de desconexão do sujeito com o mundo presente. Dessa forma, mantêm seu projeto de alienação do sujeito para torná-lo dependente de alguém que o carregue pela mão, tirando dele a iniciativa de pensar por si próprio, de tomar decisões sobre sua própria vida. A autora destaca o empenho do *Fundamentalismo Cristão extremista* em trabalhar, desde a infância, com sua estratégia de *demonização do outro*, criando com sua tática de doutrinação uma bolha de isolamento para que o pensamento não se desenvolva. Sob esse aspecto, pode-se colocar que o *Fundamentalismo Cristão extremista* se situa no campo daquilo que Carlos Bernardo Skliar (2001) vê como eufemismos para dominar a alteridade:

A Modernidade construiu várias estratégias de regulação e de controle da alteridade que, só em princípio, podem parecer sutis variações dentro de uma mesma narrativa. Entre elas a demonização do outro: sua transformação em sujeito ausente [...] sua oposição à totalidade de normalidade através de uma lógica binária; sua imersão e sujeição aos estereótipos; sua fabricação e sua utilização, para assegurar e garantir as identidades fixas, centradas, homogêneas, estáveis etc. (SKLIAR, 2001, p. 121).

Assim sendo, o *Fundamentalismo Cristão extremista* pode ser colocado ao lado do que o autor (SKLIAR, 2001) chama de *eufemismos*, ao travestir-se sob inúmeras formas para manipular, por meio de seus discursos e práticas, realizando o *abuso espiritual*. Ao colocar-se como lugar de proteção e segurança, o *Fundamentalismo Cristão extremista* prega que, na religião e, especialmente na igreja, estamos em casa, seguros, sob o manto divino que nos protege.

Entretanto, é neste mesmo lugar de "proteção" que, especialmente às crianças, a mensagem de paz e amor que Cristo ensinava sai de cena, dando mais destaque para o diabo e o juízo final, com o principal objetivo de *demonizar o outro*. Desse modo, os *fundamentalismos religiosos*, e no caso específico desta pesquisa, o *Fundamentalismo Cristão*, mostra-se cada vez mais como uma das principais bases da Modernidade que trabalha, incansavelmente, em não reconhecer ou renomear as diferenças.

Chimamanda Ngozi Adichie trouxe a temática específica dos maus-tratos conjugando violência familiar e religião em seu livro *Hibisco Roxo* (2011), mostrando o quanto é preciso pensar na conexão entre *fundamentalismo religioso* e *maus-tratos às crianças e adolescentes*. Dentre as tantas cenas arrepiantes no livro, está a que compõe a epígrafe que abre este tópico. A cena retrata Kambili, uma das personagens, quando sofre no corpo a brutal violência de um pai enlouquecido pela disciplina religiosa. Em *Hibisco Roxo*, a nosso ver, Chimamanda traz uma síntese de tudo o que Winell (2007)

associa ao *abuso espiritual*: a conjugação entre o poder patriarcal nacionalista e a religião como uma forma de integração nacional, cuja manutenção da ordem implica a opressão da mulher. Portanto, a religião acaba por estar articulada com outros tipos de dimensões, desde a familiar à política.

A partir desse pensamento, faz-se necessário que nos posicionemos frente a essa complexa problemática dos maus-tratos infantis, naquilo que Natália Fernandes Soares (2001, p. 90) coloca como raízes e motivações profundas da existência de maus-tratos infantis: *os direitos da criança*.

A existência de maus-tratos infantis tem raízes e motivações profundas na forma como são encarados os direitos das crianças, no fundo, no reconhecimento (ou não reconhecimento) que é dado às crianças enquanto sujeitos de direito. Se as crianças continuarem a ser encaradas como meros objetos, cuja tutela é feita pelos seus pais ou tutores e continuarem a ser encaradas como intrinsecamente motivados pelo mal, mais não restará do que os tradicionais métodos educacionais, onde o autoritarismo, a disciplina rígida e o recurso às punições físicas são encarados como ferramentas naturais e eficazes e das quais resultam muitas vezes situações limites para a integridade física e moral das crianças.

Todas essas discussões que aí se apresentam são carregadas de relevância e provocam-nos perguntar: é possível que os tempos atuais alojem, sem conflito, discursos e práticas sobre os Direitos da Criança? Que lugar os *fundamentalismos religiosos* ocupam nessas discussões? Tratando dos *Fundamentalismos Religiosos*, quais as (im)possibilidades de pensar nos Direitos da Criança ainda? Por que este debate interessa à Educação?

Catarina Tomás, em sua tese: *Há muitos mundos no mundo... Direitos das Crianças, Cosmopolitismo Infantil e Movimentos Sociais de Crianças – diálogos entre crianças de Portugal e Brasil* (2006) já nos alertava para a problemática dos *Direitos da Criança* e dos entraves para sua consolidação. Dentre os diversos problemas para a real efetivação da *Convenção dos Direitos da Criança (CDC)*, a autora apresenta também os relacionados aos *fundamentalismos religiosos* como podemos ver a seguir:

Aproximadamente um terço dos países que ratificou a Convenção dos Direitos da Criança apresenta algumas reservas ao Secretário-geral das Nações Unidas, por exemplo: sobre a idade mínima para a participação em conflitos armados; **sobre a definição precisa de criança e liberdade de consciência e religião; sobre a tentativa de alguns países islâmicos em não aplicarem os artigos da CDC que sejam incompatíveis com a sharia (lei islâmica)** (TOMÁS, 2006, p. 164, grifo nosso).

No contexto específico do *Fundamentalismo Cristão*, Tomás (2006) alerta para autores como Robert Karolis, um dos representantes desse *fundamentalismo*, os quais fazem parte da ala que se opõe aos Direitos da Criança com o argumento de que a defesa dos Direitos da Criança seria uma estratégia utilizada para minar e destruir todos

os direitos legitimados que as crianças têm de proteção da família e dos adultos (TOMÁS, 2006). Nesse sentido, o trabalho de Tomás faz-nos refletir sobre os efeitos que tais defesas, fundadas em princípios *fundamentalistas religiosos*, podem alcançar em decisões como as da Convenção dos Direitos da Criança, uma vez que, até hoje os EUA, por exemplo, assinaram, mas não ratificaram a CDC e, em seu argumento de base, estão as principais bases *fundamentalistas*: família e religião.

Estamos aqui posicionados frente a uma complexa problemática, que nos indaga sobre o direito à saúde da criança, bem como a seu desenvolvimento saudável.

John Bartowski (2011)¹³, da Universidade de San Antonio (Texas), juntamente de seus colegas, fez um estudo sobre as taxas de mortalidade infantil tomando como referência as religiões de cada país. Bartowski descobriu que, nos EUA e – país mais religioso entre as nações mais ricas – a taxa de mortalidade infantil é maior entre os fiéis de *igrejas pentecostais*, e a causa mais provável disso é que, nessas famílias, ocorre com maior frequência a busca da cura pela fé, em detrimento dos recursos da medicina.

Foi analisando os registros de óbitos infantis de 1.900 cidades que o pesquisador verificou que os adeptos de crenças *fundamentalistas pentecostais* estão no *ranking* das maiores taxas. Em seguida, pela ordem, vêm os *evangélicos tradicionais*, os protestantes e, por último, os católicos. O livro de Paul Offit – *Bad Faith* (Má-fé) (2015)¹⁴, trata dos grupos que recusam tratamento médico por razões religiosas. São eles: Testemunhas de Jeová, Pentecostais, Ciência Cristã, dentre outros. No meio do caminho, várias denominações proíbem ou desencorajam a vacinação.

O livro traz casos estarrecedores de pais que deixaram seus filhos morrerem porque preferiram rezar a levá-los ao hospital. Fala também dos surtos de sarampo provocados por objeções religiosas à vacinação e relata outros desserviços que certas interpretações da vontade de Deus causam à saúde pública. Para Offit (2015), o problema nos EUA é que praticamente todos os Estados criaram brechas para que religiosos não precisem se submeter às leis que obrigam pais a zelar pela saúde dos filhos. Nesse sentido, perguntar sobre os maus-tratos e a sua conexão com os *fundamentalismos religiosos* faz-se necessário.

¹³ Sobre esta pesquisa consultar: *Cura pela fé faz religiosos liderarem mortalidade infantil*. Disponível em: <https://bit.ly/2FK560y>. Acesso em 06 de maio de 2020.

¹⁴ Sobre este livro Hélio Schwartsman escreveu a reportagem: Quem quiser morrer pela 'cura' da fé que morra, menos crianças. Publicado na Folha de São Paulo em 16 de setembro de 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2sDPKCq>. Acesso em 06 de maio de 2020.

Parece, então, que há uma opção pela mortalidade em detrimento da humanidade, quando se reluta em adotar tratados de direitos humanos pelo simples fato de banalizar a morte para a manutenção de crenças, valores, tradições e práticas, fontes fundamentais de alimento aos maus-tratos infantis.

A partir dessa perspectiva, em nossa investigação levantamos uma problemática na qual, frente à fragilidade teórica sobre *Fundamentalismos religiosos e infância*, tentamos manifestar a importância de mostrar que mesmo a condição social da criança não sendo “animadora” na própria teoria sociológica, necessitamos colocar em sua pauta com maior contundência a questão da *violência nos contextos fundamentalistas religiosos*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na possibilidade de trazer a temática dos *Fundamentalismos Religiosos* para as pesquisas científicas e acadêmicas, mais especificamente, no âmbito da educação, este texto parte de uma investigação cujo resultado constatou que, dos movimentos que se desenvolveram nas três religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo, o movimento cristão ainda é um dos que tem maior representatividade neste estudo. Nele, o *abuso espiritual*, que se faz por meio de diferentes *manipulações*, é o maior responsável pelas demais formas de *violências contra crianças* nos contextos de *fundamentalismos religiosos*. A pouca visibilidade do tema nas discussões acadêmicas e na educação em geral são contributos para a recorrência dos casos e para a perpetuação desse *abuso*.

Considerando os objetivos do estudo do qual se origina este artigo, nossa atenção voltou-se ao potencial do *protestantismo*, movimento de rede ideológica tecida política, econômica e religiosa desde a *Primeira República*. No *protestantismo* que se instaurou no Brasil, as discrepâncias de interpretações existentes em seu interior geram identidades diversas. Dentre elas, aquelas que caracterizam alguns movimentos extremamente repressores, como o *pentecostalismo*.

As denominações religiosas oriundas desse movimento estão entre as grandes responsáveis pela opressão de várias gerações, em particular de crianças e mulheres, submetendo-as a diversas privações, especialmente em relação educação, utilizando a Bíblia para justificar sua dominação patriarcal. Tratando do acesso à educação, o *movimento pentecostal* no Brasil foi um grande influenciador e orientador das famílias à não-educação, principalmente até a década de 1980, sobretudo de meninas, em geral

nos contextos periféricos em que esses grupos atuam com muita força. Tais atitudes refletem-se em alguns depoimentos concedidos à pesquisa, principalmente porque 99% das depoentes nasceram entre os anos 1970 e 1980, décadas em que a escolaridade no Brasil não era obrigatória.

O movimento pentecostal vem utilizando sua máquina imagético-discursiva que combate “as coisas do mundo” e, conseqüentemente isola crianças, treinando-as como *crianças-soldados*, ensinando-as a afastarem-se das pessoas que não estão inseridas em seu grupo e a lutarem contra elas. É uma máquina-discursiva que tenta evitar que as crianças construam sua própria história, e que vivam assim uma história pronta, já construída por pastores e missionários oriundos de diferentes países; que achem “natural” ter horror ao *outro*. Se o método é mais eficaz que o conteúdo, é ele o melhor dispositivo, utilizado pelo *pentecostalismo* desde a pequena infância para constituição de sujeitos alienados, eternos dependentes de um “pai”. Caberia a todos olharem mais de perto para essa máquina, cujo principal mecanismo é o *abuso espiritual*, retratado, minuciosamente, pelo documentário *Jesus Camp*.

Dos resultados obtidos nas análises das histórias compartilhadas na pesquisa, destaca-se o fato de o *abuso espiritual* funcionar como elemento potencializador de maus-tratos emocionais às crianças, desencadeado pela conjugação entre instituição religiosa e familiar na prática de tal *abuso*. Maus-tratos esses que se apresentam de diferentes formas e violências, desde a violência física e psicológica, como a negligência de assistência médica, questões que já foram levantadas por pesquisadores ao considerarem os entraves que os *fundamentalismos religiosos* causam à efetivação da Convenção dos Direitos da Criança.

Winnel (2007) afirma que, embora a maioria dos países tenha leis que proíbam tais práticas, a violência religiosa sancionada contra as crianças existe em numerosos grupos, os quais utilizam textos bíblicos para justificar suas ações. São constantes os *abusos sexuais* silenciados nesses meios em que instituição religiosa e familiar entram em conluio para omitirem tais violências. São todas essas violências que a autora coloca em um grande “guarda-chuva”, cuja categoria principal ela denomina de *abuso espiritual*.

A pesquisa concluiu, também, que é necessário refletir mais sobre crianças oriundas de contextos de *fundamentalismos religiosos* que se inserem em uma escola pública dita “laica”, mas que, no entanto, ainda que tolere determinadas práticas religiosas, nada faz contra a opressão legitimada por elas, ao contrário, alia-se a elas

quando reforça a cultura do medo ao ter como princípio uma *pedagogia do medo* (LARROSA, 2003).

A partir dessa perspectiva, é justo dizer que o debate sobre a violência dos *fundamentalismos religiosos* contra as crianças cabe, sim, à educação. A academia necessita se envolver mais efetivamente nesse debate. E a instituição escolar e de educação infantil ainda podem ser o lugar da garantia de um dos principais direitos da criança, o direito à proteção, especialmente no caso das diferentes violências oriundas do *abuso espiritual* porque, muitas vezes, elas são evidentes. Manifestam-se por diferentes sinais. É somente estarmos atentos. E mesmo que, às vezes, os sinais evidenciados por essas violências não se manifestem claramente nas instituições escolares e/ou de educação infantil, detectando sinais, o/a educador/a pode acionar mecanismos que protegem a criança, comprometendo-se com a ética do cuidado.

Assim, pode garantir à criança o direito de receber a educação que lhe dá a dignidade do conhecimento, uma vez que a escola é, praticamente, a única alternativa para a recuperação de sua dignidade, para não ser escravizada, sua chance de liberdade. A instituição escolar e/ou de educação infantil é o lugar onde essa criança pode encontrar pessoas que, às vezes, podem se achar impotentes diante de tamanha atrocidade, mas que somente ao protegê-la como um sujeito com plenos direitos de apropriar-se do legado construído na história, já estarão lhe mostrando que existem outros mundos, outras formas de vida.

Em conclusão e a partir de uma temática que se mostra tão complexa, reafirmamos: refletir sobre infância e *Fundamentalismos Religiosos* importa à Educação. Exige atenção e aprendizagem contínuas, talvez, como aquele simples gesto que nos conta Dawn Smith (2018): “Eu me aproximei, me ajoelhei na frente dela, olhei nos olhos dela e disse: um dia, você vai crescer e vai se dar conta de que pode deixar tudo isso para trás”.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco Roxo**. Tradução Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus**: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

ATWOOD, Margareth. **O Conto da Aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 1985/2017.

AVIZ, Roselete Fagundes de; GIRARDELLO, Gilka. **Escrevivências**: o *blog* e o *microblog* como espaço de pesquisa em História de Vida. Apresentação de Comunicação Oral no GT16 – Educação e Comunicação, na 39ª Reunião Nacional da ANPED, realizada de 20 a 24 de outubro de 2019.

HINES, Molly. **Religious Fundamentalisms and the Systematic Oppression of Women**: Margaret Atwood's "The Handmaid's Tale". Tennessee, USA: VDM - Verlag Dr. Müller, 2008.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. 4ª ed., tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MAGALHÃES, Maria José. Construção do Sujeito mulheres: subjetividades das vozes e dos silêncios. In: MAGALHÃES, Maria José et al (org.). **Pelo fio se vai à meada**: Percursos de investigação através de histórias de vida. Lisboa: Ela por ela, 2012.

MORRISON, Toni. **Compaixão**. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OFFIT, Paul Allan. **Bad Faith**: When Religious Belief Undermines Modern Medicine. USA: 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. – 4ª ed. – São Paulo: Cortez, 1997.

SKLIAR, Carlos Bernardo; DUSCHATZKY, Sílvia. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Org.). **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas na diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SPURGEON, Charles. Haddon. **Sermão n. 3278**: o livro sem palavras (1911). Tradução de Armando Marcos Pinto. Disponível em: <https://bit.ly/2TJjGek>. Acesso em: 06 mai 2020.

SOARES, Natália Fernandes. **Outras infâncias...** A Situação Social das Crianças Atendidas numa Comissão de Protecção de Menores. Portugal: Centro de Estudos da Criança. Universidade do Minho, 2001.

SOW, Fatou. **Genre et Fondamentalismes/ Gender and Fundamentalisms**. Dakar – Senegal: CODESRIA, 2018.

TOMÁS, Catarina Almeida. **Há muitos mundos no mundo...** Direitos das Crianças, Cosmopolitismo Infantil e Movimentos Sociais de Crianças – diálogos entre crianças de Portugal e Brasil. Tese de Doutorado. Braga: Instituto de Estudos da Criança; Universidade do Minho, 2006.

WINELL, Marlene. **Leaving the Fold**: a guide for former fundamentalists and others leaving their religion. Berkely, CA: New Harbinger Publications, 2007.


WINELL, Marlene. **Viagem livre**: Fontes de recuperação para uma religião prejudicial; liberar e recuperar. Grupo de apoio Online, 2010.

NOTAS


FUNDAMENTALISMOS RELIGIOSOS E PEQUENA INFÂNCIA: REFLEXÕES QUE IMPORTAM À EDUCAÇÃO

Religious Fundamentalisms and Early Childhood: Reflections that matter to Education

Roselete Fagundes de Aviz

Pós-doutorado
Professora Doutora Adjunto
Departamento Metodologia de Ensino
Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis, Brasil
roseaviz@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3859-7397> 

Gilka Girardello

Pós-doutorado
Professora Doutora Titular
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil
gilkagirardello@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5316-0038> 

Endereço de correspondência do principal autor

Rua: João Pacheco da Costa, 860, CEP: 88062-100, Florianópolis, SC, Brasil.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: R. F. de Aviz, G. Girardello

Coleta de dados: R. F. de Aviz

Análise de dados: R. F. de Aviz

Discussão dos resultados: R. F. de Aviz

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste

periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 29-05-2020 – Aprovado em: 28-08-2020